A SELVA NUA

Conto de: JORGE M. CURVELLO
Gênero: Ficção
Ano da produção 2001
Todos os direitos reservados – (all right reserved)


A SELVA NUA

PREFÁCIO

De nada adiantará ser juiz de alguém quando não se pode conhecer a si mesmo e de nada adiantará negar para si próprio o que a natureza insiste em mostrar e que nem sempre está de acordo com o nosso julgamento. A verdadeira arte de se existir é viver e deixar viver.

RESUMO

Em uma mansão nas margens do lago Michigan no estado de Chicago um brasileiro naturalizado relembra um passado cruel que veio servir para que ele encontrasse a si

mesmo se tornando livre dos grilhões da sociedade.

No ano de 1959, tentando fotografar a selva amazônica um rapaz machista heterossexual sofre um acidente aéreo e sobrevive junto com outro homossexual e a partir dali enfrenta em nome da sobrevivência uma convivência repleta de altos e baixos, ambos de culturas diferentes tendo que se aceitar pro força da necessidade de voltar à civilização. A selva e seus habitantes , no entanto vem a ser

para eles dois a melhor das professoras.

VERÃO DE 1999

O sol começa a cair no lado oeste do Lago Michigan visto de Kalamazoo, uma cidadezinha do estado do Michigan transformando a água em uma colcha de fogo de vários matizes que se anulam devagar conforme o astro rei se esconde no horizonte e eu aqui sentado no jardim de minha casa olhando meus dois netos brincarem com a cadelinha Mirtzie, uma Yorkshire dengosa adotada pela

família, sinto a sensação de ser outra pessoa, alguém bem diferente do que fui e que precisou viver uma estranha aventura para disso me conscientizar.

Hoje eu estou com sessenta e um anos de idade e tudo aconteceu quando eu tinha vinte e um, se estendendo por mais de dois anos me mostrando a cada dia uma surpresa de que nesta vida nada somos a não ser o que Deus reservou para nós. Hoje, velho e avô sou um homem tranquilo, feliz e bem sucedido depois que finalmente

consegui o sucesso prendido vivendo na companhia de uma adorável esposa, uma índia Chipewa aculturada que dirige um hospital veterinário cuidando do que ela mais gosta, os animais, e é de lá que veio Mirtzie a Yorkshire que agora vejo brincando com meus netos. Mas não foi com ela que aprendi a ser esse novo eu e sim com outros índios bem diferentes, selvagens como a natureza os fez, e com um rapaz que de índio nada tinha além da aparência, que por ser diferente de mim, do que sempre acreditei ser um

homem, sem saber foi ao longo daqueles anos me ensinando a amar ao próximo tanto quanto a mim mesmo.

Nasci sendo batizado com o nome de Timóteo e não sou norte americano de nascença, mas fui trazido para essa terra ainda aos meus dezessete anos por um padrinho estrangeiro que meu se fez ao se apiedar de minha mãe, uma de suas empregadas que engravidou de um francês irresponsável a deixando com um filho na barriga e sumindo no mundo. Como patrão ele lhe deu abrigo e

segurança, como amigo se tornou meu padrinho e anos depois de haver retornado para sua terra para cá me trouxe também a fim de evitar que eu solto na vida me perdesse na marginalidade de São Paulo onde nasci. Aqui acabei de crescer, recebi ensinamentos e me tornei homem, aprendendo da cultura de um primeiro mundo que se pode limpar minha alma dos vícios da vida, não pode acabar, entretanto, com meu machismo irreverente, a não ser depois que dentro de minha

pátria a vida me ensinou a inutilidade desse sentimento.

Eu poderia ter me tornado advogado ou coisa melhor, mas depois que deixei a casa de meu padrinho acabei me tornando comissário de bordo de aviões e fotógrafo amador, aproveitando as viagens do primeiro emprego para completar necessidades do segundo, fotografar tudo o que podia para uma revista geográfica famosa. Foi com essa intenção eu em 1959 aproveitando umas férias na aviação peguei passagens, meu equipamento fotográfico e voei

para o Brasil com duas intenções, uma a de visitar minha velha mãe em um asilo e outra de fotografar a selva amazônica. E foi assim que minha grande lição de vida começou.

Era verão no Brasil quando embarquei a bordo de um Super Costellation da Varig, uma empresa brasileira carregando na bagagem além das roupas meu equipamento fotográfico e uma confirmação de frete de um pequeno avião em Manaus de onde eu partiria na minha ousada aventura de

fotografar tanto do alto como em terra as selvas do norte amazônico e do território de Rio Branco, hoje conhecido como o de Roraima. depois de matar as saudades de minha mãe bem arquei para Manaus e. a viagem até aquela cidade quente e pegajosa que eu não conhecia foi ruim dentro de um velho avião de passageiros que pousou mais no caminho do que eu esperava, assim como toda a noite que se seguiu a minha chegada passada dentro de um hotel barato e com má refrigeração que me fez suar a noite inteira

sem falar nos malditos mosquitos que me infernizaram. Na manhã seguinte bem cedo tomei meu desjejum e segui para o aeroporto buscando pela empresa do frete, encontrando facilmente o balcão da mesma no aeroporto internacional de Manaus às margens do rio Negro e me dirigindo para um atendente postado nele lendo um gibi que mais não fez ao me ver chegar do que estender a mão, pegar meu vaucher do frete e indicar com ela uma passagem para o interior dando para uma pequena saleta mal pintada e

com muitos retratos de aviões nas paredes.

A sala era pequena e quente chegando a ser desconfortável, tendo apenas os retratos nas paredes e dois sofás gastos separados por uma mesinha de centro com revistas velhas e por uma abertura dava para se ver o pátio das aeronaves onde um pequeno avião estava sendo checado por dois pilotos uniformizados com calça azul marinho e camisa branca com divisas sobre os ombros. Pelas divisas dava para saber q eu o mais velho dos

dois, um moreno forte de boa aparência e cabelos agrisalhados nas têmporas era o comandante. O outro, um magricelo bem mais novo e com gogó proeminente que podia ser notado de longe devia ser seu auxiliar, mas o pior eu vi depois, sentado ali naquela sala lendo uma revista e que fez de pronto meu estômago enjoar.

Ele não deveria ter mais do que dezoito anos, era moreno como um índio e tinha os cabelos fora dos padrões da época, longos demais para o gosto masculino. Suas roupas,

uma calça de veludo negra indevida ao calor reinante e um blusão de mangas fofas e compridas apadronado com flores grandes e coloridas dava a ele uma aparência ridícula e espalhafatosa como a de um gay, o que me repugnou por ser um perfeito homofóbico. Fingindo estar distraído ele continuou lendo a revista sem levantar os olhos ao me pressentir ali dentro da sala, com as pernas cruzadas em estilo feminino e balançando a ponta de um dos pés. Eu, que antes de ir para os Estados unidos odiava aquele tipo de

homem chegando a jogar pedra e enfiar porrada, agora tinha ali diante de mim em uma sala que deveria aquela manhã ser somente minha pelo frete do avião, uma aberração sentada e provocante, sem poder fazer nada. Ah como ansiei que as horas corressem, aquele avião me deixasse embarcar nele e se elevasse no espaço me afastando daquela provocação.

Eu estava tão entretido em minha revolta que nem percebi o comandante entrando na sala e somente dei conta pelo som simpático, mas debochado

de sua voz enquanto se dirigia para a abertura pela qual cheguei ali.

--- Olá parceiro. estou indo fazer o plano de vôo e retornarei em poucos minutos. Espero que não se importe de termos que levar um carona no seu vôo.

A passagem do homem foi tão rápida que nem tive tempo de dar uma resposta, ficando a matutar se aquela aberração seria o carona e se deveria recusar, conhecendo como conhecia a aviação e seus

tripulantes, capazes de se contrariados aprontar poucas e boas por detrás dos panos.

Passaram-se minutos que me pareceram horas e finalmente o homem voltou segurando uns papéis e ainda com aquele jeito soberbo desta vez parou para se explicar, apontando o rapazola afrescalhado e me dando uma satisfação.

-- É que esse aí sentado é meu sobrinho e tem pressa de chegar em Boa Vista onde pretende visitar a mãe, minha irmã. Ele está de férias e se não

for logo o tempo passa e perde a oportunidade anual. Como vamos ter que pousar por lá, eu pensei que o senhor não se importaria de dar uma carona para o garoto. O senhor permite que ele embarque?

Dei mais uma olhadela no rapaz e sem ter saída fiz que sim com a cabeça, fingindo um sorriso amarelo, e então sem falar mais nada o homem fez um gesto para o fresco o mandando nos seguir e fomos para o avião.

Enquanto caminhávamos pelo pátio tendo o fresco logo

atrás como um cachorro abandonado, fiquei pensando de como seria para um cara como eu que odiava bichas, ter uma a meu lado por mais de duas horas seguidas obrigatoriamente em um avião com apenas quatro lugares e dois ocupados pelos pilotos.

O Bonanza não era ruim de se voar apesar de não ser pressurizado e os ouvidos sentirem um pouco além do barulho do motor único postado na sua dianteira. Parecia leve voando em um céu azul quase

sem nuvens, chacoalhando um pouco mesmo assim pelo efeito das correntes aéreas, mas sem incomodar. Ele era um avião pequeno, com uma fuselagem larga na dianteira afunilando para trás logo após nossos assentos geminados, separados um do outro por uma espécie de mesa de couro marrom assim como era o forro dos assentos. As amplas janelas recurvadas para cima formando parte do teto davam visão estupenda para quem se destinava a fotografar de bordo, mas isso era tudo no corpo da cabine de passageiros

que se dividia com a de comando separada apenas pelo encosto dos assentos dianteiro. A meu lado, permanecendo calado e sem olhar para nós o fresco parecia absorto em olhar a paisagem do outro lado, sentado logo atrás do comandante segurando entre as pernas uma frasqueira horrível também florida, um objeto usado por mulheres.

Decolamos do aeroporto a margem do Negro e sobrevoamos baixo algum tempo sobre suas águas, me dando chance de fotografar aves

ribeirinhas e também alguns jacarés, mas logo entrando sobre uma selva imensa que parecia se perder de vista, um tapete imenso e sombrio que mudava de tonalidade a cada momento pela inclusão de árvores floridas. Tudo ali era, majestoso e lindo, emocionante e cativante, me fazendo clicar sem poupança de rolo de filme porque havia me prevenido. O avião foi lentamente ganhando altura para sua viagem de cruzeiro que não ultrapassaria conforme me dito pelo comandante a mais de quatro mil e duzentos metros e

logo depois de registrar algumas fotos da selva vista das alturas, de rios que pareciam serpentes enormes serpenteando por ela, descansei a câmera. Foi neste instante que se voltando a meio para trás o comandante apontou com uma das mãos sem ver o que apontava, mas se referindo a separação de couro entre nossos assentos.

--- Aí dentro dessa joça de couro tem café e biscoitos e isso é todo o lanche que essa Cia oferece. Basta abrir pressionando o botão ao lado

dos assentos e vão encontrar o que falei. Lamentamos não termos a bordo moças bonitas para servir.

Alertado para o botão da mesa me lembrei de procurar ver onde estaria o equipamento necessário de emergência daquele avião, garrafas com oxigênio para o caso de fumaça a bordo, faca, machadinha, corda. estas coisas comuns nos equipamentos de prevenção de acidentes, mas sem nada encontrar e fiquei pensando de como seria caso aquele avião

caísse ali naquele lugar, se caso sobrevivêssemos e tivéssemos que contar pelo menos com uma caixa de primeiros socorros, coisa que também não estava a mostra em lugar algum. Sacudi a cabeça tentando espantar tal agouro e fui em busca do café dentro da caixa dita de estar abaixo do forro da mesinha, encontrando facilmente o tal botão e o pressionando, fazendo soltar o tampo da separação e lá dentro vendo o que o homem ofereceu.

Durante todo aquele tempo de vôo e desde que embarcou o fresco nada falou ou sequer dirigiu seu olhar para um de nós, e mesmo depois que servi café aos pilotos e lhe ofereci um por educação, aceitou sem agradecer ou me olhar. Era como um animal de presa evitando contato com seu predador. Aceitando a rejeição prazerosamente me servi de um café e fiquei admirando aquele céu de brigadeiro.



Beech Bonanza

A paisagem sempre igual e a calma daquele vôo acabaram por me fazer adormecer e quando despertei o radio do avião soava alto e chiando em uma conversa com o co-piloto.

---- Atenção AC-023... Atenção AC-023... Você está muito próximo da RW025 e deve corrigir imediatamente. Há tráfico descendo a dezoito mil pés e poderá ser avistado sobrevoando

vocês... Está recebendo? Câmbio.

Para alguém como eu que conhecia bastante de aviação, mesmo não sendo piloto entendi o recado da torre avisando estarmos voando em espaço não permitido e logo isso se mostrou mesmo muito mais alto do que nós, um avião de uma Cia estrangeira passando em sentido contrário a grande velocidade. feliz por me sentir também um aeronauta, perguntei ao co-piloto

---- Passou acima de nós um KLM, acertei?

Falei me referindo ao nome da empresa dona daquele avião e o rapaz respondeu.

.

---- Exatamente, um KLM vindo de Paramaribo em direção ao Rio de Janeiro. Estávamos próximo demais daquela aerovia, mas já corrigi o rumo.

A voz do controlador se fez ouvir novamente e agora melhor.

--- AC-023... Você está a 34502 fora de Rorainópolis, prosseguindo para Boa vista. Pode ver a cidade a sua direita?

Olhei junto com o co-piloto para a direita procurando uma cidade lá embaixo entre nuvens estratos que agora se pronunciavam e vimos o que parecia ser uma cidadela e imediatamente o co-piloto respondeu.